

Está difícil, mas está melhor

Costumo dizer nas palestras pelo interior afora que o Brasil começou a escrever a história de um país sério a partir da estabilização econômica. Até o advento do plano Real, vivíamos no país do faz-de-conta. O momento da divulgação da inflação do mês anterior era esperado com ansiedade. A população era expert em assuntos de poupança, BTN, ORTN, *over night*, *open market*, fundo... O trabalho não tinha valor, pois, quando o assalariado recebia seus caraminguás no início do mês, mal dava para comprar o que necessitava. Além disso, era melhor comprar logo, porque lá vinha o homem remarcando o preço de tudo. Uma loucura!

Ano passado, encontrei um médico conhecido que há muito não via. Trocamos os cumprimentos de praxe e ele foi dizendo:

– A vida está difícil, mas está boa.

Pedi para que me explicasse melhor o que havia dito.

– É porque hoje não está fácil ganhar dinheiro. Tenho de trabalhar bastante para conseguir dar um padrão de vida para minha família, mas estou muito melhor que na época da inflação.

Perguntei-lhe por quê? Ele respondeu que havia se formado em Medicina e que por isso tinha uma grande responsabilidade nas mãos.

Quem não está produzindo nada ou de maneira ineficiente, está tendo extrema dificuldade para se manter em pé

– Sim, e daí? Perguntei.

– Daí, continuou ele, você se lembra do Marcos, um colega de minha turma, que não chegou a completar o curso? Entrou no ramo de venda de automóveis usados. Se deu muito bem.

Não estava entendendo aonde ele queria chegar com essa história. Continuou:

– Como residente e depois como médico, você sabe que temos de trabalhar um bocadinho. Saía de casa cedinho e voltava bem tarde da noite. Via meu filho dormindo quando saía e quando chegava ele já tinha ido dormir. Certo dia, num desses raros finais de semana que tinha de folga, resolvi dar uma olhada no boletim dele e, para minha surpresa, havia várias notas abaixo da média. Chamei meu filho, que há uns quatro anos estava com 12 anos, e questionei o porquê das notas baixas. Nas explicações, notei que não nutria nenhum interesse pelos estudos. Mesmo assim tentei motivá-lo. Indiferente, ele rebateu:

ARTUR CHINELATO DE CAMARGO



– Por quê? Ora, pra quê?

Emendei, um tanto perplexo:

– Para aprender, se formar, ter uma profissão e ser alguém na vida. Ele, secamente, indagou:

– E o senhor é alguém na vida?

Perguntei por que estava me dizendo isso. Então, ele concluiu seu raciocínio:

– Pai, o que o senhor tem na vida? Mora de aluguel, tem um carro velho, não tira férias, nunca me levou à Disneylândia... E arrematou:

– Eu quero ser como o tio Marcos. Ele nem se formou, mas tem carro novo, mora numa mansão, viaja para praia várias vezes por ano, e os filhos dele já se cansaram de ir à Disney.

– O ídolo do meu filho não era eu, como supostamente imaginava, em razão de minha vida íntegra, responsável, pelo profissional respeitado que salvava vidas... O ídolo dele era um sujeito que vivia fazendo trambiques, negócios nem sempre limpos, passando a perna nos outros, mas que tinha dinheiro. Eu ainda tentei contra-argumentar, lembrando que o que ele se referia tratava-se de uma situação que não produzia nada para a sociedade, tinha a marca de negócios obscuros e que com mercado financeiro não se poderia ir muito longe. Enfim, desafiei:

– Quando essa situação acabar, quem não estiver com uma função produtiva definida, estará em apuros! A resposta veio em forma de constatação:

– Acabar quando, meu pai? Já passamos pelo plano Cruzado, plano Verão, plano Bresser, plano Collor e outros. E nada mudou.

– Engoli seco, baixei a cabeça e mudei de assunto porque eu mesmo não sabia quando essa triste situação do país poderia mudar. Bem, hoje, aquele meu amigo, o Marcos, está na pior. Levou calote em vários negócios, entrou em algumas frias e para saldar as dívidas teve de vender a casa, o carro e está morando de favor na casa de parentes. Como não tem profissão, está vivendo de bicos. Não estou contente com a situação dele, mas no fundo um sentimento de justiça me invade.

Quando ele terminou de concluir sua história, disse-lhe que dava graças a Deus de não ter filho em idade escolar nesta época do país surrealista, mas que no meu ramo de atividade a situação era semelhante. Conte-lhe que desde 1987 faço palestras para produtores de leite. E que até meados de 1994, era comum deparar no auditório com algum engraçadinho a perguntar com ar de deboche:

– Professor, seu eu pegar esse dinheiro que o senhor falou pra aplicar na recuperação da fertilidade do solo e jogar na poupança, eu vou ganhar mais e sem ter nenhum trabalho.

Via de regra tal observação era acompanhada de uma gargalhada geral. Era sinal de que ali ninguém iria se mexer para melhorar a produtividade. Refeito o silêncio da platéia, lembrava-os da mesma forma como o médico fez com seu filho:

– Um dia essa situação irá mudar, pois do contrário no país não haverá futuro. Uma nação somente se constrói através do trabalho.

Alguns produtores se exaltavam, achando que ao falar para eles trabalharem sério, serem eficientes, aumentar a produtividade, significava rogar-lhes algum tipo de praga.

Aí, então, eu vaticinava:

– Quando essa ilusão do ganho fácil do di-

A produção de leite se concentrará em fazendas que compreenderem e aplicarem corretamente o conceito de tecnologia

nhairo passar, vai ser uma correria para se produzir. Não haverá dinheiro barato para os investimentos nas fazendas que ficaram anos na inércia. As tentativas de recuperação da propriedade sem o acompanhamento de técnicos capacitados resultarão em aceleração do processo de extinção daquele produtor; o número de fazendas leiteiras em regiões tradicionais que fecharão suas porteiras será cada vez maior; a produção de leite se concentrará em fazendas que compreenderem e aplicarem corretamente o conceito de tecnologia, seja qual for o sistema empregado na exploração.

É essa a realidade atual. Está difícil ganhar dinheiro, sem dúvida, mas está muito pior para quem continua a conduzir sua propriedade de forma amadora.

Artur Chinelato de Camargo, engenheiro agrônomo, é pesquisador do Centro de Pesquisa de Pecuária do Sudeste-Embrapa, São Carlos-SP